
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E REGIONAL

Felicidade, casamento e choques positivos de renda: um estudo para o Distrito Federal (Parte 1[†])

Alexandre Damasceno*

Adolfo Sachsida**

RESUMO - Por representar o próprio objetivo da vida para a maioria das pessoas, a felicidade representa um dos objetos de maior interesse para a humanidade. Nos últimos anos, muitas ciências tem se dedicado a seu estudo, procurando identificar os elementos subjetivos determinantes do menor ou maior grau de felicidade das pessoas, medir sua real influência sobre a felicidade humana, conhecer a forma como os mesmos se correlacionam e os impactos que podem causar sobre a vida de cada um. No caso da economia, o grande número de pesquisas associadas à felicidade, desenvolvidas na última década, gerou o crescimento da literatura e dos bancos de dados disponíveis associados à satisfação e felicidade dos indivíduos, ampliando as fronteiras do conhecimento na área. Este trabalho aplicou questionários junto a 1.521 pessoas, entre os dias 31/08/2009 e 28/10/2009, gerando uma base de dados atual, ampla e consistente, capaz de viabilizar diversos estudos científicos sobre a felicidade no âmbito do Distrito Federal.

Palavras-chave: Felicidade. Casamento. Choques positivos de renda.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história a felicidade vem sendo um dos objetos de maior interesse para a humanidade. Sua busca representa, para a maioria das pessoas, o próprio objetivo da vida, despertando, por força da enorme influência que o tema causa ao longo da existência da maior parte dos indivíduos, o interesse de diversas áreas da ciência – fazendo com que pesquisadores do mundo inteiro se debruçam de modo continuado sobre o assunto.

Apesar de a psicologia reunir as principais iniciativas voltadas ao estudo da felicidade, outras ciências, em maior ou menor grau, têm igualmente se preocupado com o tema - na tentativa de melhor compreender os mecanismos envolvidos em sua busca e manutenção. No caso particular da economia, é importante notar que, ao longo do tempo, a

[†] A segunda e última parte deste artigo, com as seções “Estatísticas Descritivas” e “Conclusões”, será publicada no volume 22 deste Boletim.

* Senado Federal.

** IPEA (DIMAC/CFP). Endereço eletrônico: sachsida@hotmail.com.

felicidade teve, alternadamente, momentos de maior e de menor importância - desde a economia neoclássica até os dias de hoje.

Estudos realizados no último quarto do século XX comprovaram que, apesar do grande crescimento econômico verificado em quase todos os países do mundo, iniciado na década de 1970, que permitiu a melhoria das condições econômicas das pessoas, observava-se com grande frequência o aumento de indicadores como tristeza e depressão. Ao mesmo tempo, observou-se que também se reforçava a importância dos relacionamentos interpessoais e de outras variáveis de natureza mais subjetiva, evidenciando a necessidade de nova inversão na tendência dos estudos econômicos.

Acredita-se que, nos dias de hoje, a vida das pessoas será continuamente exposta a um crescente número de fatores – cada vez menos sujeitos a seu próprio controle. Por esse motivo, levando em conta que o dia-a-dia dos indivíduos sempre será afetado por esse ambiente, em constante mutação, impõe-se fortemente a necessidade de melhor conhecer as variáveis e cenários aí envolvidos – o que só pode ser alcançado a partir da realização de estudos específicos nessa área.

Justificam-se assim, sobejamente, novos estudos voltados à felicidade humana, uma vez que maior e mais profundo conhecimento acerca desse universo pode vir a representar um dos primeiros passos na direção da melhoria da qualidade de vida das populações. Deve-se levar em conta, na oportunidade, que trabalhos desenvolvidos com esse objetivo podem vir a apontar caminhos mais eficientes e seguros, até então pouco explorados ou não conhecidos, para que se chegue à melhoria do nível de felicidade das pessoas.

Na esteira da necessidade de ampliar a divulgação dos estudos desenvolvidos nessa área assenta-se este artigo, que foi elaborado com fim específico de apresentar alguns dos resultados obtidos a partir de investigação desenvolvida pelo mesmo autor, com fim específico de estudar a felicidade no âmbito do Distrito Federal.

Observe-se que a investigação ora referenciada teve como objeto central de pesquisa o nível de felicidade declarado por pessoas entrevistadas - que foi avaliado sob a luz das diversas variáveis levantadas com o objetivo de se identificar os possíveis determinantes desse grau informado e a forma como as mesmas se correlacionam, abordando os aspectos de natureza social e emocional associados à felicidade. Sua importância foi reforçada, entre outros motivos, pela precariedade dos estudos existentes até o presente no Brasil, assim como pela total ausência de estudos realizados nessa área na respectiva unidade da Federação.

Considerando a inexistência de dados anteriormente coletados com esse propósito, tampouco a disponibilidade de dados de outras naturezas que pudessem ser utilizados – mesmo que precariamente – para a realização desse tipo de estudo, fez-se necessário estruturar uma base de dados específica para a investigação.

A pesquisa ocupou-se, então, da aplicação de questionários junto a 1.521 (um mil, quinhentas e vinte e uma) pessoas, entre os dias 31/08/2009 e 28/10/2009, coletando diversos dados acerca dos indivíduos entrevistados, tais como jornada de trabalho, renda, sexo, raça, estado civil, idade, número de filhos, região onde mora, escolaridade, hábitos pessoais, conceitos associados à felicidade, nível declarado de felicidade, possíveis reações acerca de práticas ilegais verificadas com grande frequência nos países em desenvolvimento, possível reação sob um significativo choque positivo de renda e comportamento sexual, entre outros.

O objetivo principal desse artigo é propiciar estatísticas descritivas sobre o nível de felicidade declarado do indivíduo. De maneira geral, os resultados sugerem que os homens são mais infelizes do que as mulheres. Além disso, enquanto a renda parece afetar significativamente o nível de felicidade dos homens, ela não tem tanto efeito para o caso das mulheres. Por outro lado, a religiosidade é uma importante variável para determinar o nível de felicidade feminina. Interessante notarmos também que pessoas injejosas são mais infelizes. Além desta introdução, o texto apresenta na seção 2 uma revisão dos estudos sobre a felicidade. A seção 3 descreve a metodologia de coleta de dados. A seção 4 apresenta e comenta as estatísticas descritivas. A seção 5 conclui esse estudo.

2 O ESTUDO DA FELICIDADE

A felicidade é vista como o objetivo central da vida para a maior parte da humanidade, pois todos, de um modo ou de outro, gostariam de ser felizes. Desde a Grécia antiga, até os dias de hoje, estudiosos do mundo inteiro, em diversas áreas do conhecimento, vêm continuamente se debruçando sobre o tema, na tentativa de melhor compreender os mecanismos envolvidos na busca e manutenção desse “estado de espírito”.

Buscando os primeiros conceitos conhecidos do termo felicidade, pode-se recorrer a Shikida e Rodrigues (2004), quando destacam que, segundo a filosofia clássica, o conceito de felicidade nasceu na Grécia antiga, onde Tales considerava felizes as pessoas que fossem fisicamente fortes e sadias – e que também tivessem alma evoluída e de sucesso.

Abordar a felicidade em estudos de natureza científica, não é tarefa das mais simples por força da complexidade que o próprio entendimento do termo pode trazer. Para Corbi e Menezes-filho (2006), “o termo felicidade pode ser associado a muitos conceitos e noções”. Entretanto, a despeito disso, faz-se necessário definir os possíveis entendimentos para o vocábulo, de modo que sua compreensão não fuja ao contexto pretendido pelo pesquisador.

Blanchflower e Oswald (2002) abordam a felicidade como o grau com o qual cada indivíduo classifica sua própria vida - no que se refere a ela ser “mais” ou “menos” favorável àquilo que ele gostaria de estar vivendo. Em outra oportunidade, Blanchflower e Oswald (2004), tomam como definição objetiva de felicidade o grau com que cada indivíduo julga a qualidade de sua vida - de modo amplo.

2.1 DIMENSÕES E PERCEPÇÃO DA FELICIDADE

A felicidade precisa ser observada sob as dimensões objetiva e subjetiva. A primeira delas repousa nos fatores que, apesar de poderem ser declarados pelos indivíduos pesquisados, também podem ser observados e aferidos por “alguém de fora”, ou seja, pelos observadores. São fatores de mais fácil verificação, geralmente atrelados a escalas numéricas cujos valores são de imediata atribuição, tais como renda individual, renda per capita, condições de habitação e jornada de trabalho, entre outras.

Para Corbi e Menezes-filho (2006), a dimensão objetiva da felicidade pode ser apurada de forma pública, a partir da observação e tomada de medidas externas, podendo, assim, ser refletida por meio de indicadores numéricos. Por outro lado, a dimensão subjetiva da felicidade reflete as percepções internas de cada indivíduo sobre determinados itens, que somente podem ser coletadas, de modo mais legítimo, a partir das declarações feitas pelos mesmos. Entre esses itens se encontram o nível de satisfação com suas próprias vidas, sua identificação com o tipo de atividade profissional que desenvolvem e sua avaliação quanto ao nível de felicidade experimentado por eles próprios, entre outros. Observe-se que, para Corbi e Menezes-filho (2006), a dimensão subjetiva da felicidade é função da experiência de cada indivíduo, correspondendo aos juízos feitos por ele próprio acerca da vida que tem levado.

Haybron (2006) sugere que a satisfação com a vida é fortemente considerada um aspecto central do bem-estar da humanidade, devendo-se notar que, para muitos, esses conceitos estão intimamente ligados ao conceito de felicidade. Sendo assim, a satisfação com a vida é frequentemente identificada com a felicidade – e universalmente costuma-se ver seus valores como comparáveis.

Pelo exposto, observa-se claramente que o nível de felicidade dos indivíduos depende de fatores distintos – que podem ser percebidos de maneiras diferentes. Essa percepção, por sua vez, depende das circunstâncias às quais a pessoa está submetida. Para Michalos (2007), a qualidade de vida ou bem-estar de um indivíduo - ou comunidade - é uma função das atuais condições de sua vida e o que a pessoa - ou comunidade - consegue fazer a partir dessas mesmas condições. Isso mostra, na verdade, que a forma como são percebidas as condições a que alguém está submetido é mais importante do que a situação objetiva propriamente dita.

2.2 A FELICIDADE NO CONTEXTO DA ECONOMIA

Apesar de as principais iniciativas voltadas ao estudo da felicidade em sua maioria se localizarem na área da psicologia, outras ciências, entre as quais a economia, também têm se preocupado com esse tema, notadamente ao longo dos últimos anos. Um olhar sobre a economia neoclássica comprova o fato de que, logo em seus primeiros passos, a economia abordou a questão da felicidade humana, incluindo diversos elementos subjetivos em seu campo de estudo - merecendo destaque a felicidade dos indivíduos e sua satisfação com a própria vida.

A despeito de, inicialmente, a economia ter apresentado viés que apontava a importância do estudo dos fatores mais subjetivos envolvidos na vida das pessoas, a partir da década de 30 do século XX, a economia passou a trabalhar prioritariamente com base na observação de fatores mais objetivos, como a preferência dos indivíduos e seus mecanismos de escolha.

A partir desse período verificou-se uma inquestionável evolução nas metodologias utilizadas nos estudos desta área, trazendo grande volume de ganhos científicos – notadamente por força do grande número de pesquisas viabilizadas pela maior objetividade com que os estudos eram realizados.

Para Frey e Stutzer (2000), essa fase mais objetiva da economia baseou-se principalmente nas escolhas feitas pelos indivíduos, apoiando-se no fato de a utilidade para cada pessoa depender principalmente de bens e serviços tangíveis – influenciados diretamente pela renda.

Por deixar de lado os porquês de cada um dos fenômenos/eventos investigados, e dos sentimentos ou posições particulares dos indivíduos, essa estratégia trazia consigo o que para alguns representava importantes perdas qualitativas. Assim, os questionamentos acerca

da excessiva objetividade dos estudos econômicos desenvolvidos à época geraram um clima propício à realização de pesquisas voltadas ao questionamento dessa visão - no ambiente de significativo crescimento econômico verificado a partir da década de 1970 em todo o mundo.

Durante esse esforço investigativo, mostrou-se que, apesar da melhoria das condições econômicas das pessoas, observava-se, com grande frequência, o aumento de indicadores como tristeza e depressão – ao mesmo tempo em que era reforçada pelas mesmas a importância dos relacionamentos interpessoais e de outras variáveis de natureza mais subjetiva.

Graham (2005) declara que as pequenas (ou nenhuma) variações verificadas no nível de felicidade ante um aumento do nível de renda foram estudadas inicialmente por Richard Easterlin, que, na década de 1970, constatou que, em diversos países, há uma grande coincidência entre as formas com as quais as pessoas gastam a maior parte de seu tempo, qual seja, trabalhar para garantir o sustento de suas famílias. Easterlin observou, também que o aumento de felicidade declarado pelas pessoas não cresce necessariamente quando há uma variação positiva de renda. Esse efeito ficou conhecido como “*Easterlin paradox*”.

A realidade visualizada, bastante distinta do que se imaginava à época, mostrou claramente que não mais se poderia esperar que o nível de satisfação dos indivíduos, acerca de suas próprias vidas, variasse somente com a renda individual ou familiar. Dessa forma, concluiu-se ser de grande importância que o estudo dos fatores de natureza econômica relacionados à vida das pessoas passasse a ocorrer de modo distinto daquele por meio do qual vinha se desenvolvendo, ou seja, não mais sob a ótica dos números – de modo exclusivo. Ficava reforçada, assim, a necessidade de ajuste nessa forma de desenvolver pesquisas na área.

2.3 IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS NA ÁREA

O desenvolvimento de pesquisas científicas não se justifica senão pelo potencial de contribuição que as mesmas podem trazer à humanidade – quer de modo direto ou indireto. Buscando identificar, preliminarmente, a importância desta pesquisa, em particular, pode-se recorrer a Corbi e Menezes-filho (2006), que textualmente afirmam que “um estudo desse tipo pode ser útil de diversas maneiras. Políticas sociais, por exemplo, implicam custos para alguns indivíduos e, dessa forma, faz-se necessária uma avaliação dos efeitos líquidos dessas ações em termos de utilidades individuais (felicidade)”.

No que se refere à validade e potencial de emprego dos conhecimentos gerados a partir de pesquisas associadas ao tema central deste trabalho, Praag (2007) destaca que, depois

de ser ignorada pelos economistas por muito tempo, a felicidade está se tornando objeto de pesquisas econômicas sérias no século XXI, chegando-se ao ponto de, nos últimos anos, as ciências econômicas estarem passando por uma revolução por força da adoção desse tema – que tem se tornado importante tanto para a economia quanto para as políticas públicas.

Do mesmo modo, a visão acerca da empregabilidade dos conhecimentos oriundos desse tipo de estudo para a vida das pessoas e para a ciência, notadamente na área de políticas sociais e economia, é reforçada por Blanchflower e Oswald (2007), para quem, para que se assegure a efetividade das políticas sociais e econômicas, é necessário que os formuladores das mesmas conheçam as medidas do bem-estar dos seres humanos.

Ainda tratando da utilidade dessas pesquisas, sob horizonte mais amplo, deve-se destacar que para Norrish e Vella-Brodrick (2007), os benefícios que podem advir de pesquisas direcionadas à viabilização do aumento da felicidade incluem, além da melhoria do bem-estar, aumento na saúde social, psicológica e física dos indivíduos.

De modo complementar, para Corbi e Menezes-filho (2006), esse tipo de pesquisa “pode também contribuir para a resolução de paradoxos empíricos que a teoria econômica convencional tem dificuldades para explicar”, como por exemplo, a aparente contradição entre o grande aumento de renda verificado em muitos países após a Segunda guerra e a manutenção (e até queda em alguns casos) do nível de bem-estar das pessoas durante o mesmo período – já abordada anteriormente.

Observa-se, assim, que o número de estudiosos que atualmente não colocam qualquer restrição à coleta de dados subjetivos junto à população estudada já é bastante grande. Aos pontos de vista anteriores, soma-se também a visão de Di Tella e MacCulloch (2005), para quem pode-se acreditar na habilidade dos indivíduos de formular suas próprias opiniões sobre aquilo que lhe é perguntado, inclusive sobre seu bem estar, pois eles possuem plenas condições de associar todas as informações relevantes para essa atividade. Outros estudos, embora também reconheçam certa fragilidade nesse processo de coleta de dados, reforçam com grande veemência sua utilidade e necessidade. Para Blanchflower (2008), considerando que os dados levantados nessa área são baseados em julgamento pessoais, é possível que tragam consigo alguns vieses. Apesar disso, segundo o mesmo autor, isso faz com que não se possa considerar esses valores para comparações absolutas entre os indivíduos, entretanto, nada impede que o mesmo possa ser utilizados para a identificação dos fatores determinantes da felicidade.

Em relação ao Brasil, devemos destacar o pioneiro estudo de Dias, Schumacher, e Almeida (2010) que realizam uma pesquisa para 19.421 indivíduos da cidade de Maringá – PR, entre setembro de 2007 e dezembro 2009. Os autores concluem que: (i) escolaridade superior aumenta a probabilidade de uma pessoa se declarar feliz; (ii) idade e felicidade, tal como felicidade e violência, estão negativamente correlacionadas; (iii) casamento aumenta o nível de felicidade declarada; (iv) mulheres são mais felizes do que homens; e (v) a renda é um importante determinante da felicidade.

3 O ESTUDO DA FELICIDADE NO DISTRITO FEDERAL

A realização de um trabalho de natureza científica geralmente implica significativas inovações, que podem ser viabilizadas a partir de um eventual novo contexto ou universo em que se dá a pesquisa associada, de inovadores objetivos - geral e específicos – buscados, ou até mesmo a partir de novos materiais e métodos utilizados. Foi nesse cenário que surgiu a necessidade de se desenvolver uma investigação científica com fim específico de estudar a felicidade no âmbito do Distrito Federal – trabalho diretamente associado a esse artigo.

O trabalho referenciado teve como objeto central de pesquisa o nível de felicidade declarado por pessoas entrevistadas - que foi avaliado sob a luz das diversas variáveis levantadas com o objetivo de se identificar os possíveis determinantes desse grau informado e a forma como as mesmas se correlacionam, abordando os aspectos de natureza social e emocional associados à felicidade. Sua importância foi reforçada, entre outros motivos, pela precariedade dos estudos existentes até o presente no Brasil, assim como pela total ausência de estudos realizados nessa área na respectiva unidade da Federação.

3.1 A COLETA DE DADOS REALIZADA

Para que o desenvolvimento da investigação em tela fosse viabilizado, o trabalho foi planejado tendo como um de seus objetivos específicos a geração de uma base de dados atual, ampla e consistente, capaz de viabilizar sólidos estudos sobre a felicidade no âmbito do Distrito Federal. Assim, uma das etapas cumpridas ocupou-se da aplicação de questionários junto a 1.521 (um mil, quinhentas e vinte e uma) pessoas.

Os questionários foram aplicados no período compreendido entre os dias 31/08/2009 e 28/10/2009, ao longo de todo o dia, por entrevistadores treinados com o objetivo de coletar dados do modo mais discreto possível – de modo que as pessoas não sentissem constrangimento ao responder as perguntas formuladas.

O público alvo da pesquisa foi definido como indivíduos adultos de ambos os sexos, abordados em locais de grande circulação de pessoas no Distrito Federal. Como forma de assegurar uma amostra representativa da população do DF, foram escolhidos, para a aplicação dos questionários, locais como rodoviárias, paradas de ônibus, hospitais de referência, *shopping centers*, hipermercados, faculdades e universidades, tanto do Plano Piloto quanto de grandes cidades satélites.

O formulário utilizado para a coleta de dados (ver apêndice) foi composto de 27 (vinte e sete) itens, subdivididos em três blocos: a) dados profissionais; b) dados pessoais; e c) dados a serem preenchidos pelo próprio entrevistado.

